

EDUCAÇÃO E CRISE DEMOCRÁTICA: O PAPEL DA ESCOLA

SILVA, Luziane Miranda da ¹
VIRGILIO, Leidivan Pascoal ²

RESUMO: Esse trabalho tem como objetivo discutir sobre a atual crise democrática que ocorre no mundo e sobre qual é papel da educação, representada pela instituição escolar no combate a essa crise. Para isso, fez-se uma pesquisa bibliográfica, em que se trouxe para a discussão as ideias de vários autores, com destaque para Ildeu Moreira Coêlho (2012) por meio de sua obra: Escritos sobre o sentido da Escola. Considerando a democracia liberal como modelo político vigente em nossa sociedade, apresentamos a visão de crise democrática trazida por Yascha Mounk (2019) na obra: O povo contra a democracia- por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la. E na medida em que foi necessário elucidamos conceitos presentes no estudo, evidenciando as ideias de outros autores. Os resultados, apontam que a crise democrática poderá ser combatida por meio de uma sociedade mais justa e esperançada, e reafirmaram o sentido da escola como formadora de humanidades, cujo sujeito é ensinado a participação social, a solidariedade, o respeito a diversidade, a empatia ao próximo, e o senso coletivo. Sugerindo, portanto, que escola em seu fim, deve focar, para além da transmissão dos conhecimentos acumulados pela humanidade, na formação como desenvolvimento das capacidades humanas para retribuição social, ensinando aquilo que nos torna humanos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Crise Democrática; Papel da escola.

1 INTRODUÇÃO

A democracia liberal está ameaçada. Em 2021, invasão do Capitólio nos Estados Unidos da América, em 2023 invasão e vandalismo no Congresso Nacional, no Palácio do Planalto e Supremo Tribunal Federal (STF) no Brasil. Ambos os eventos instigados por líderes populistas que não aceitaram suas derrotas nas eleições. A ascensão desses líderes ameaça os princípios da democracia liberal, pois adotam retóricas polarizadoras e autoritárias, deslegitimando instituições democráticas, como os tribunais independentes e a imprensa livre. Quais são os motivos da ascensão mundial desse populismo conservador que tem consolidado modelos de governos nada democráticos? Que riscos essa crise democrática oferece? E, nesse contexto,

¹ Graduada em Licenciatura em Pedagogia e Ciências Biológicas, Mestre em Geografia e Doutoranda em do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UFG), luzian@discente.ufg.br

² Graduada em Licenciatura em Pedagogia, Especialista em Educação Pobreza e Desigualdades Sociais (UFT), servidora efetiva da Secretaraia de Educação do Estado do Tocantins-SEDUC/TO, atua na Diretoria de Currículo e Avaliação da Aprendizagem, leidivanvirgilio@seduc.to.gov.br

qual é o papel das instituições, mais especificadamente da escola no combate a essa crise? Discutir sobre essas questões é o objetivo desse estudo.

Para Yascha Mounk (2019), essa crise democrática ocorre em função de uma somatória de fatores que incluem o aumento da desigualdade social no mundo, descrédito da população pela política, ascensão populista que cria metanarrativas, transmitidas pelas redes sociais para milhares de pessoas, gerando, muitas vezes, posições políticas contrárias a democracia e enfraquecimento das instituições democráticas, a globalização que, apesar de possibilitar transações comerciais mais eficientes, trouxe uma desigualdade de desenvolvimento regional, onde alguns lugares ascenderam e, em outros, comunidades inteiras são exploradas pelo capital.

Rodrigo Nunes (2020) aponta que, em um sistema democrático, as ações políticas envolvem a capacidade de construir e negociar coletivamente soluções para problemas comuns, mas essa capacidade está sendo enfraquecida pela aceleração do capitalismo global, pela transformação das relações sociais e pela despolitização crescente, que fragmentam os sujeitos e os impedem de se engajar de forma efetiva e transformadora na política. Desse modo, o sistema político afasta-se da realidade cotidiana dos cidadãos. Esse afastamento gera um sentimento de deslegitimação e desconfiança nas instituições democráticas, o que favorece o surgimento de movimentos autoritários e populistas.

Pateman (1992), em sua obra *Participação e Teoria Democrática*, questiona a superficialidade da participação nos sistemas democráticos contemporâneos em que a participação real dos cidadãos é limitada a um mero voto em eleições periódicas, sem que haja um envolvimento contínuo e profundo nas decisões políticas. Dessa forma, os cidadãos têm pouca influência real sobre as decisões políticas, enquanto os representantes ou elites detêm o poder de maneira centralizada.

A complexidade social nos desafia a pensar o papel das organizações coletivas e das instituições públicas na garantia de direitos das minorias que, ao longo da história, lutaram por democracia no seu sentido mais amplo, “não como um mero regime político, mas como uma forma de existência social, na qual a constituição das instituições sociais é assumida como responsabilidade da coletividade política” (Ferreira, 2012, p.200). Essa democracia tão importante e decisiva para a sociedade pode ser ensinada e aprendida, por isso a escola é uma instituição fundamental.

2 METODOLOGIA

Para discutir a crise democrática e o papel da escola pública no combate desta crise, utilizou-se a pesquisa bibliográfica como instrumento metodológico que trouxe para a discussão as ideias de vários autores, com destaque para Ildeu Moreira Coêlho (2012) por meio de sua obra: Escritos sobre o sentido da Escola.

E, considerando a democracia liberal como modelo político vigente em nossa sociedade, apresentou-se a visão de crise democrática trazida por Yascha Mounk (2019) na obra: O povo contra a democracia- por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la. E na medida em que foi necessário elucidar conceitos e referências, o presente estudo utilizou-se da compreensão de outros.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A crise democrática

Há uma crescente insatisfação popular com o sistema democrático, o que cria um terreno fértil para movimentos antidemocráticos. Espera-se que, em um sistema democrático, todos tenham voz e direitos, mas quando “o sistema político (liberal) virar um playground de bilionários e tecnocratas, a tentação de excluir cada vez mais o povo das decisões importantes continuará aumentando” (Mounk, 2019, p. 15, grifo nosso).

A democracia liberal transformou-se em instituições eleitorais que garante um sistema de representatividade que não representa os interesses da maioria da população, mas sim de uma minoria conservadora poderosa que influencia a grande massa em defender seus interesses.

A democracia é uma discussão importante, mas não é uma discussão popular. O eleitor não conhece conceitos como fascismo, progressistas, mas analisa o custo e vida, questões de economia básicas do dia a dia. Por isso, esse público é facilmente ludibriado por promessas fáceis. Lacerda (2019, p. 8) afirma que “a inclusão social pela via pragmática estatal parece complexa e difícil de alcançar. Já as respostas que o neoconservadorismo oferece são imediatas e plenas de sentido. E isso cativa os cidadãos eleitores, com reflexo na política institucional”.

Segundo Nunes (2020), a construção dessas narrativas ou matrizes discursivas sustentam o conservadorismo e que tem a força de aglutinar pessoas de diferentes classes em um mesmo grupo, as matrizes são: anticomunismo; militarismo (apoio a políticas de lei e ordem e ao uso extrajudicial da força), anti-intelectualíssimo (rejeição da ciência e da educação formal em favor da religião e da experiência pessoal),

moralismo, empreendedorismo (empreendedor de si mesmo, no qual precariedade equivale a autonomia), combate a corrupção, entre outros.

Mouk 2019), apresenta a globalização como uma das causas da crise democrática. Ele esclarece que a diversidade cultural e fluxos migratórios intensos que, embora enriquecedores, geraram reações negativas em segmentos da população que percebem essas mudanças como uma ameaça à sua identidade cultural. Esse choque cultural foi explorado por líderes populistas que adotaram uma retórica nacionalista e xenofóbica, apresentando-se como inimigos dos imigrantes e defensores dos interesses nacionalistas.

Nesse contexto, qual o papel da escola na formação cidadã, capaz de atuar na superação da crise democrática? A seguir, algumas possíveis respostas.

3.1.1 O papel da escola

Há muito tempo, a escola enfrenta uma contradição marcada pelo confronto entre sua missão de formar cidadãos soberanos para uma sociedade democrática e uma visão orientada para o mercado, que enxerga a educação como preparação técnica para o trabalho (Magoga; Muraro, 2020). Com isso, a esfera pública passa a adotar uma perspectiva educacional impulsionada por reformas que desvalorizam a formação humanística e a transmissão cultural e política. Coêlho (2012), afirma que esse esvaziamento do sentido da escola corre o risco de torná-la um apenas em um “centro de treinamento”.

Anísio Texeira (1972) menciona que é por meio da escola pública que todos os cidadãos podem alcançar igualdade política, intelectual e técnica, isso significa dar a todos oportunidades iguais de desenvolvimento e participação social. Por isso, é necessário assegurar a existência e a autonomia das escolas públicas, assim como de sua função.

E a principal função da escola é formar indivíduos preocupados com “o sentido da existência coletiva”, é “formar pessoas que ponham o direito de todos, acima dos interesses dos indivíduos e grupos” (Coêlho, 2012, p. 28). Quando a educação escolar é transformada em mera capacitação para o trabalho, em que o sucesso financeiro é o principal objetivo, a sociedade tornar-se-á uma “morada desumana”, na qual impera os privilégios de poucos, contra o direito de todos” (*Op. Cit.* 2012, p. 24). Essa formação humana, pressupõe a formação de um aluno participativo, que pensa além do instituído, que questiona práticas e teorias.

Compreende-se que uma formação de senso crítico, é capaz de trazer a luz à compreensão do mundo, formará um cidadão capaz de saber identificar o que é uma falácia, o que é um discurso vazio e que não há soluções fáceis e incabíveis para problemas sociais complexos. “Por fim, a existência da escola só se justifica se ela procurar formar o homem autônomo, e (...) na condição de humanos somos capazes de recuperar a possibilidade, adormecida em meio ao encantamento produzida pelo progresso de construir a humanidade” (Guimarães, 2012, p. 135, grifo nosso).

O papel da escola é o vínculo mais direto com a sociedade, contribuindo de maneira ímpar para difusão cultural... “é o espaço mais significativo de experiências no que se refere a questões antropológicas, epistemológicas e axiológicas, no qual todos aqueles que a frequentam constituem, assimilam, modificam e constroem cotidianamente a relação individual, do singular e do coletivo” (Furtado, 2012, p. 224 e 225).

Educação para cidadania! Para pensar, para emancipar e não apenas para transmissão de conteúdo, resolução de provas e ingresso no mercado de trabalho.

3.1.2 Remédios para a crise democrática

Consoante a apresentação de remédios para a crise democrática, Yascha Mounk (2019), também citou a educação como elemento fundamental na “transformação de crianças em cidadãos”, enfatizou a necessidade de “incutir virtude política nos jovens” e de “incluir espírito público nos alunos”. Mas isso só é possível se a escola tiver em seus currículos a política como elemento de debate e prática.

Além disso, ele destacou que, para salvar a democracia, dentre outros pontos, há necessidade de: renovar a fé cívica por meio da regulação das mídias, controlar o financiamento de campanhas, consertar a economia através de uma reforma tributária em que os mais ricos paguem mais imposto de forma que os lucros sejam mais justamente distribuídos, e que também é preciso “domesticar o nacionalismo” para que ele se torne mais inclusivo com respeito ao direito das minorias (principalmente imigrantes).

É necessário o diálogo entre os governantes para construção de projetos que mitiguem as desigualdades. O embate deve ser campo das de ideias que produziram as regras do jogo social, por isso é preciso eliminar a intolerância, o fanatismo que geram violência.

A luta deve ser pela renovação gradual da sociedade por meio do debate de ideias e da mudança de mentalidade e do modo de viver. Para isso, é necessário

ocupar espaços de poder, fortalecer os movimentos sociais através da ampliação dos trabalhos nas organizações de base, formação de grupos que lutem por causas sociais, ou que façam debate político e atividade antidesigualdade. Através dessas ações participativas é possível criar sentido de pertencimento de grupo, que é tão importante para unir pessoas em torno de um ideal solidário.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A universalização da educação é vista como uma condição indispensável para a consolidação da democracia. Ao garantir o acesso ao saber sistematizado e ao promover a igualdade de oportunidades, a escola contribui para a formação de cidadãos críticos e engajados, tornando-se um elemento chave na construção de uma sociedade democrática.

A escola, em seu fim, deve focar para além da transmissão dos conhecimentos acumulados pela humanidade, na formação para o desenvolvimento das capacidades humanas para retribuição social, ensinar aquilo que nos torna humanos, só assim a crise democrática poderá ser combatida e uma sociedade mais justa esperada.

5 REFERÊNCIAS

- COÊLHO, Ildeu Moreira. (Org.). **Escritos sobre o sentido da escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012.
- FERREIRA, Evandson Paiva. **Educação, Escola e Cultura Democrática**. In: COÊLHO, Ildeu Moreira. (Org.). **Escritos sobre o sentido da escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012.
- FURTADO, Rita Márcia Magalhães. O sentido da Escola no Contexto Educacional Contemporâneo. In: COÊLHO, Ildeu Moreira. (Org.). **Escritos sobre o sentido da escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012.
- GUIMARÃES, Ged. A Escola como Projeto de Emancipação do Homem. In: COÊLHO, Ildeu Moreira. (Org.). **Escritos sobre o sentido da escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012.
- LACERDA, Marina Basso. **O novo conservadorismo brasileiro**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2019. (p. 185-198).
- MAGOGA, P. M.; MURARO, D. N. **A escola pública e a sociedade democrática: a contribuição de Anísio Teixeira**. Educação & Sociedade, v. 41, e236819, 2020.
- MOUNK, Yascha. **O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- NUNES, Rodrigo. **Do Transe à Vertigem: Crítica da Razão Democrática**. Rio de Janeiro: Editora UFMG, 2020.
- PATEMAN, Carole. **Participação e Teoria Democrática**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- TEIXEIRA, A. **Educação não é privilégio**. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.